

# HISTÓRIAS DOCUMENTADAS: JOSÉ MARÍA BLANCO, A BEATIFICAÇÃO DE JESUÍTAS E O MARTÍRIO COLONIAL NA AMÉRICA

DOCUMENTED HISTORIES: JOSÉ MARÍA BLANCO, THE BEATIFICATION OF JESUITS AND THE COLONIAL MARTYRDOM IN AMERICA

Maria Cristina Bohn Martins<sup>1</sup>

Jefferson Aldemir Nunes<sup>2</sup>



## Resumo

Os eventos envolvendo as mortes dos jesuítas Martín de Aranda (1612) e Roque Gonzáles (1628) no Chile e Paraguai coloniais, respectivamente, são tradicionalmente conhecidos como “martírios”, em representações de natureza cênica, gráfica e literária, ou outras. Consideramos, aqui, que os textos historiográficos podem ser tidos como uma das linguagens pelas quais estes eventos são construídos e narrados e, após a apresentação do quadro em que ocorreram os martírios de Elicura e Caaró-Pirapó, discutimos duas obras relativas a eles, as “*Historias Documentadas*” (1929 e 1937) de José María Blanco, situando seu teor e condições de produção ligadas ao desejo de sustentar processos de beatificação inconclusos, em Roma. Sugerimos que elas permitem pensar os contextos locais da situação colonial, das missões e da vida desses jesuítas, assim como sua apropriação a partir de interesses e situações próprios ao século XX.

**Palavras-chave:** Jesuítas, Martírio, Historiografia.

## Abstract

The events involving the deaths of the Jesuits Martín de Aranda (1612) and Roque Gonzáles (1628) in colonial Chile and Paraguay, respectively, are traditionally known as “martyrdoms”, in representations of different type. We consider, here, that the historiographical texts can be considered as one of the languages by which these events are constructed and narrated and, after the presentation of the picture in which the martyrdoms of Elicura and Caaró-Pirapó took place, we discuss two works related to them, the “*Historias Documentadas*” (1929 and 1937) by José María Blanco, placing its content and production conditions linked to the desire to sustain unfinished beatification processes in Rome. We suggest that they allow us to think about the local contexts of the colonial situation, the missions and the life of these Jesuits, as well as their appropriation based on interests and situations specific to the 20th century.

<sup>1</sup> Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora Titular da UNISINOS, vinculada à Graduação e ao Programa de Pós-Graduação da Universidade.

<sup>2</sup> Mestre em História pelo PPGH Unisinos.



**Keywords:** Jesuits, Martyrdom, Historiografia.

### **“Oferecer a vida para atrair a Deus Nosso Senhor esta desamparada gente”<sup>3</sup>: os jesuítas e sua missão no Novo Mundo**

Em uma de suas cenas iniciais, o celebrado filme *A Missão*<sup>4</sup>, apresenta um jesuíta escalando, apenas com as mãos, uma poderosa cachoeira. Vencido este desafio, por meio da melodia que retira de uma flauta, ele atrai a atenção de um grupo de indígenas sul-americanos que se aproximam e o conduzem à sua aldeia. O religioso leva no colo o crucifixo de um colega que, em uma cena logo anterior, havia sido sacrificado pelos nativos, amarrado a uma cruz e lançado na correnteza do mesmo rio. A natureza exuberante e selvagem em que se ambienta a trama se presta a ser uma espécie de alegoria, muitas vezes acionada em diversas narrativas, para ilustrar os desafios que os religiosos da Companhia de Jesus enfrentavam em sua missão evangelizadora no Novo Mundo. Em conjunto, as duas cenas enfatizam e se referem à imagem recorrentemente reivindicada pela historiografia ligada à Ordem, ou simpática a ela, do trabalho corajoso e abnegado dos jesuítas em seu esforço pela catequese e civilização dos indígenas. Parte de seu apostolado “para maior Glória de Deus”, os membros da Companhia estavam prontos para atuar em qualquer lugar do mundo a que fossem enviados, como instrumento de conversão das almas e edificação da Igreja em territórios não europeus.

Podemos também dizer que, de forma paralela, as duas cenas resumem, metaforicamente, o destino de alguns dos membros de uma congregação cuja história ligou-se inapelavelmente à de suas “missões por redução”. Com efeito, embora relativas a uma narrativa ficcional, podemos aventar que elas evocam circunstâncias que foram vividas por jesuítas na época moderna inicial, especialmente. De fato, antes do fim do século XVI, a Ordem, fundada em 1539<sup>5</sup>, já

<sup>3</sup> A expressão faz parte do elogio póstumo a Roque Gonzáles de Santa Cruz, que teria entregue a vida para a pregação entre os pagãos “como quien no temia la muerte, ya ofrecida la vida por atraer a Dios Nuestro Señor a esta desamparada gente”. In: **Documentos para la Historia Argentina**. Tomo XIX. Buenos Aires: Talleres Jacobo Peuser S.A., 1927, p. 21. Doravante, DHA.

<sup>4</sup> “The Mision” (1986), dirigido por Roland Joffé, com roteiro de Robert Bolt, apresenta-se como “baseado em acontecimentos reais” e pretende reproduzir a crise instalada nas “Reduções Jesuítico-Guaranis” pela assinatura do Tratado de Limites de 1750 entre as monarquias portuguesa e castelhana. Embora sua narrativa apresente diversos problemas, entre os quais visões pouco complexas sobre a atuação dos jesuítas e do poder colonial, o filme seduziu amplas plateias com seu relato.

<sup>5</sup> Tendo sido reconhecida pela bula *Regimini Militantis Ecclesiae* do Papa Paulo III, em 1540.



contabilizava dezenas de sacerdotes e irmãos jesuítas mortos em missão pelo mundo, em eventos que evidenciam que os “encontros culturais” podiam ter desfechos variados e nem todos eram aqueles esperados por seus promotores<sup>6</sup>. Este número continuaria se multiplicando, seguindo a expansão do projeto colonial e missionário.

Nas palavras de Renato Cymbalista<sup>7</sup>, a Ordem abrigava “os religiosos mais predispostos ao martírio no início da Idade Moderna”. Embora possamos relativizar a afirmação do autor e não considerar seus padres e irmãos como sujeitos temerários que buscavam a morte, é inegável que a ação missionária dos jesuítas<sup>8</sup> conheceu momentos de grande tensão que, por vezes, resultavam na morte violenta de alguns dos seus, os quais foram considerados como mártires. Os relatos sobre sua persistência na fé, seus “atos heroicos” e “modelos de virtude”, especialmente daqueles cuja vida acabava pelas mãos dos infiéis, tinham uma função pedagógica e, segundo Burrieza-Sanchez, despertaban “deseos ardientes” de imitação”.<sup>9</sup>

De acordo com Cymbalista, da mesma forma que eram candidatos a uma entrega desta qualidade nas partes reformadas da Europa, os jesuítas tratavam o martírio “como instrumento de conversão das almas e de fundação da Igreja nas novas terras, em uma estratégia global que era documentada, sistematizada, ilustrada”. Neste intuito, “faziam circular imensamente os registros dos martírios de seus irmãos por todo o mundo, em uma verdadeira cartografia espiritual”<sup>10</sup>. Relativamente ao Novo Mundo, Ivonne del Valle, aponta que os corpos (exemplares) dos missionários pretendiam resolver o problema da “discontinuidad geográfica de una Europa que no estaba y no podía reproducirse por entero en América, por medio de un ‘repertorio’ que metonimicamente la representara”.<sup>11</sup>

<sup>6</sup> Em outra narrativa fílmica, “O silêncio” (Martin Scorsese, 2016), este desfecho foi a apostasia.

<sup>7</sup> CYMBALISTA, Renato. A Companhia de Jesus nos séculos XVI-XVIII: uma comunidade global de mártires. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; LUCA, Tania Regina de. **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis: UFSC/UEDESC, 2015, p. 3.

<sup>8</sup> O principal modelo de virtude e entrega à missão para os jesuítas foi Francisco Xavier, único entre os “fundadores” a apostolar no Oriente. Xavier era exemplo incontestado para seus colegas: sua ação nas Índias Orientais impressionava os contemporâneos europeus, sobretudo por meio das missivas em que relatava a dificuldade e o exotismo de suas missões, elaborando “uma imagem popular de missionário protótipo, zeloso e irrefletido” (O’MALLEY, 2004, p. 55).

<sup>9</sup> CYMBALISTA, Renato. Os mártires e a cristianização do território na América portuguesa, séculos XVI e XVI. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v.18. n.1. p. 54. jan.- jul. 2010.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 60.

<sup>11</sup> DEL VALLE, Ivone. **Escribiendo desde las márgenes: colonialismo y jesuitas en el siglo XVIII**. México: Editora Siglo XXI, 2009.



Os eventos ligados aos casos de “mortes santas”, e não apenas aqueles concernentes aos jesuítas, tiveram impacto na memória construída sobre o período colonial e sobre os próprios indígenas. Eles circularam a partir de vários suportes textuais, como poemas e livros. No que concerne aos mártires da Companhia, contribuiu fortemente para tanto, a sua “prática escriturária”, especialmente quanto às cartas, meio de comunicação por excelência adotado pelos jesuítas. Como esclareceu Torres-Londoño<sup>12</sup>, a comunicação escrita foi compreendida já pelos primeiros jesuítas como um meio eficaz de manter o espírito de corpo e os vínculos de obediência. Progressivamente outros elementos foram sendo acrescentados a este, como a compreensão de que as narrativas sobre os trabalhos em terras distantes contribuíam para a edificação, para o estímulo a novas vocações e para atrair benemerências<sup>13</sup>.

Em tal documentação vão aparecer, entre outros temas, os desafios (materiais e simbólicos) da catequese dos indígenas, o embate com grupos descontentes com a presença europeia, o assédio dos escravagistas sobre comunidades indígenas administradas pelos jesuítas e os contatos muitas vezes tensos com os colonos e com as autoridades coloniais<sup>14</sup>. Assim também,

---

<sup>12</sup> LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVI. **Revista Brasileira de História**, v. 22, n. 43, p. 11-32, 2002.

<sup>13</sup> Além das páginas formadoras um corpus que muitos entendem serem textos fundantes de um registro até certo ponto etnológico, a documentação jesuítica também é essencial para sustentar muito do que se conhece sobre essa relação missionária com o “outro”. Em artigo recente, por exemplo, Felipe e Paz (2019) definiram os termos do que analisaram ser a “escrita afetada” dos jesuítas, marcada que foi pela intersecção de subjetividades entre eles e os nativos. O tema da “escrita jesuítica”, sua importância e características, é objeto de atenção de um grande número de importantes estudos. Diante da dificuldade de apresentar um rol que expresse os mais importantes entre eles nos marcos deste artigo, chamamos a atenção para dois textos produzidos por Martin Maria Morales (2011, 2014), que analisa com grande riqueza a complexidade deste corpus e a necessidade de sua historicização. Referindo-se mais especificamente às cartas jesuíticas, o autor lembra que “algunos [...] delante del documento podrían ser tentados por otra quimera: ir a buscar, entre sus líneas, los datos. Como si una fabulosa alquimia pudiera separar en esa trama compleja, por una parte, la estructura retórica y, por otra, coleccionar fechas, nombres y cantidades. Ilusión galileana de recuperar para la escritura de la historia una especie de lengua matemática que no tenga que dar cuenta de las incesantes resignificaciones de los conceptos y de los datos mismos. Al final de un riguroso examen del texto quedaría en pie una serie de datos: significantes elocuentes de nuestra ansia de liberar a la historia de su retórica, pero mudos para aquellos que los escribieron” (MARIA MORALES, 2014, p. 52).

<sup>14</sup> As “Relações” de Jerônimo Rodrigues e de Inácio de Sequeira (de 1607 e 1635, respectivamente, editadas por LEITE, 1940, p. 196-246; 1945, p. 493-521), redigidas durante a expansão dos missionários jesuítas na região sul-brasileira, trazem todos esses elementos citados, permitindo a elaboração de um quadro das relações entre os religiosos, escravagistas, colonos e os povos Carijó. A visão tradicional das missões com suas grandes estruturas arquitetônicas, relativa estabilidade e desenvolvimento econômico, portanto, precisa ser relativizada, pois não corresponde ao enfrentado na maioria das reduções, especialmente no período missionário inicial. As dificuldades



recorrentemente aparecem nela alusões ao trabalho extenuante e aos sacrifícios pessoais dos religiosos, elemento perceptível no trecho citado como título desta sessão. Nele, Roque Gonzáles é descrito como abdicando de possíveis honras terrenas (que teria ao ser promovido a Vigário Geral da Catedral de Assunção) para, na Companhia de Jesus, buscar a missão entre os indígenas como seu caminho para o cumprimento da palavra de Deus.

Todos estes temas são moldados por meio dos filtros próprios dos jesuítas, formando uma massa documental que visa a edificação e a obtenção de benemerências, mas, também, dar uma resposta aos detratores da Companhia e defender sua atuação frente às autoridades. Para além do tempo de tais eventos, estes textos continuaram sendo reelaborados por autores ligados à Ordem como demonstraremos a seguir, atualizando uma escrita que teve sempre objetivos identificáveis. Assim, eles devem ser analisados a partir de chaves de leitura que considerem o que, como e para quem se escreve. No período a que aludem os acontecimentos citados, é preciso considerar, também, sua ampla circulação no continente europeu, alimentando o imaginário sobre as novas terras descobertas e seus habitantes. Não resta dúvida de que tais textos impactaram diretamente na forma como o período missionário colonial foi concebido, e como foi cristalizado na memória social, tendo efeitos até a atualidade, como veremos adiante.

### **“Quiso entrar en la Compañía por el deseo de hacerse mártir”<sup>15</sup>**

Como assinalamos anteriormente, a prática apostólica jesuíta, para além da historiografia, foi explorada pela cultura popular contemporânea, como a literatura e o cinema<sup>16</sup>. Neste último, películas como “O Hábito Negro” (1991, dirigido por Bruce Beresford), “Silêncio” (2016, dirigido por Martin Scorsese), e o já

---

experimentadas por Roque Gonzáles de Santa Cruz e companheiros na região do Prata, e Martín de Aranda Valdivia e companheiros no Chile, portanto, vão diretamente ao encontro dos desses relatos.

<sup>15</sup> DHA, 1927 p. 454. Passagem presente no documento que cita a missão do Guairá, que havia sido acometida por doenças que causaram grande número de mortes entre os indígenas, mas também de religiosos como o jesuíta Martín Urtasún, vitimado pelo trabalho excessivo e falta de recursos alimentícios e médicos adequados. Ele teria entrado na Companhia mesmo contra a vontade da família, e era seu desejo colocar-se em locais perigosos e com chance de martírio, o que levou a pedir para ser enviado para a região da Província do Paraguai. Pensamos que isso representa bem o movimento missionário do qual Gonzáles e Valdivia fizeram parte, especialmente porque o primeiro teve um papel importante na região do Guairá, e manteve contato com o contexto de Martín Urtasún.

<sup>16</sup> Silêncio (“Chinmoku”), vencedor do Prémio Tanizaki de 1966, foi escrito em 1966 por Shūsaku Endō.



citado filme de 2006 dirigido por Roland Joffé, exploraram, com diferentes abordagens, as dificuldades enfrentadas pelos jesuítas em seu trabalho apostólico. Essas obras recordam, assim, temas como os contatos múltiplos, a alteridade e as surpresas que ela revela, as perseguições que os missionários sofreram, a violência, a luta íntima entre a recusa e a aceitação, o medo e as contradições dos ideais frente ao sistema colonial, dentre outros. Em todas elas, o tema da entrega e do “martírio” entre populações não europeias, parte do ponto de vista dos missionários, é trabalhado de forma a gerar emoção e empatia no público.

Este campo ficcional se nutre dos muitos casos de religiosos mortos em missão, interessando-nos aqui os eventos conhecidos como o “Martírio do Elicura”, de 1612, e o “Martírio do Caaró e Pirapó”, de 1628, em especial pelos seus desdobramentos posteriores no sentido das narrativas que geraram. Lembremos que contexto em que transcorreu boa parte das missões jesuíticas no Novo Mundo, levou ao que é comumente conhecido como “desejo de martírio” e “desejo das Índias”, uma busca dos religiosos (especialmente os noviços) de serem enviados para locais perigosos para a pregação da fé, de forma que a chance de ser martirizado poderia garantir uma morte santa e o perfeito seguimento da vida de Jesus<sup>17</sup>. Isso levou a uma elaboração de textos que não só narrassem as mortes de religiosos da Companhia, mas que também legitimassem sua presença nas áreas de fronteira e elevassem as figuras desses mártires. Esses textos aparecem como uma construção retórica que eleva a imagem dos jesuítas e os conecta à longa história de mártires cristãos. Como Cymbalista apontou, essa memória se manteve viva mesmo após a Supressão da Ordem, e, no século XX houve uma retomada da imagem desses indivíduos a partir de textos como o de Blanco, que recuperou dois casos específicos do martírio de jesuítas do começo do século XVII.<sup>18</sup> O primeiro caso se refere às mortes violentas, ocorridas no atual Chile, dos jesuítas Martín de Aranda Valdivia, Horacio Vecchi e Diego de Montalbán, além de cinco indígenas mapuches cristianizados<sup>19</sup>. O segundo se refere às mortes de Roque Gonzáles de Santa Cruz,

---

<sup>17</sup> CYMBALISTA, Renato. Sementes de Cristãos: Mártires jesuítas na América 1554-1767. (Tese de Livre Docência). São Paulo: USP, 2017.

<sup>18</sup> *Ibid.*

<sup>19</sup> Foram eles, os caciques Utablame, Tereulipe, Coñuerpanque, Caniumanque e Calbuñamc, importantes para o desenvolvimento das atividades missionárias no Chile. Quando do aumento das tensões com o cacique Anganamón, esses indígenas colocaram-se em defesa da vida dos missionários, mas acabaram mortos junto a eles. O ataque foi uma reação à pregação dos jesuítas



Alonso Rodríguez e Juan del Castillo, tendo ocorrido no então denominado Tape, atual Rio Grande do Sul, que era parte integrante da Província Jesuítica do Paraguai<sup>20</sup>. Este último caso deu-se na segunda década de “entradas” dos padres, partindo dos arredores de Assunção, para a “conquista espiritual” dos guaranis<sup>21</sup>. Ambos eventos são descritos como embates entre os religiosos e poderosos caciques que se opunham à sua presença, gerando uma imagem dicotômica e maniqueísta. Reforçava-se desta forma, o valor do trabalho da Companhia de Jesus na cristianização de indígenas ferozes que poderiam causar mortes *in odium fidei*, algo que, então, era considerado como o perfeito seguimento da vida e morte de Cristo, como descrito no título dessa seção.

Os textos de José María Blanco sobre esses eventos são obras monumentais conhecidas como “Histórias Documentadas”, textos de fôlego, voltados para a exposição das ações desses missionários por meio da apresentação da documentação original e de uma história que as encadeasse em um todo coerente<sup>22</sup>. Elaborados com a clara intenção de fundamentar o prosseguimento e conclusão de processos de beatificação que estavam há bastante tempo parados em Roma, os trabalhos permitem pensar os contextos locais da situação colonial, das missões e da vida desses jesuítas, assim como sua apropriação a partir de interesses e situações próprios ao século XX.

---

contra a poligamia, e o afastamento que promoveram de três esposas de Anganamón (BLANCO, 1937).

<sup>20</sup> Fundada em 1607, com sede em Córdoba, a Província Jesuíta do Paraguai incluía territórios que hoje fazem parte da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Os conflitos de 1628 ocorreram quando uma importante liderança dessa região, o cacique Ñezú, descontente com o crescimento da influência dos jesuítas na região, com a pregação dos padres contra a poligamia e contra sua religião tradicional, mobilizou um grupo de guerreiros que trouxeram a morte dos três jesuítas e a destruição das missões por eles construídas. Ñezú foi descrito pelos religiosos como um feiticeiro demoníaco que dominava aos demais nativos por meio do medo, e que se utilizava de artimanhas para enganar os indígenas e colocá-los contra os padres apenas para manter comportamentos pecaminosos (BLANCO, 1929).

<sup>21</sup> O termo “conquista espiritual” denomina a crônica do jesuíta Antônio Ruiz de Montoya, escrita em 1639, na oportunidade em que ele foi enviado a Madrid pela Sexta Congregação Provincial para solicitar às autoridades, proteção para as reduções do Paraguai que sofriam pesados ataques por parte das “bandeiras” paulistas.

<sup>22</sup> As Histórias Documentadas representaram a busca de Blanco pela compilação da documentação então disponível sobre os martírios mencionados, e seu encadeamento em uma história que legitimasse e engrandecesse a imagem dos jesuítas, reforçando sua reputação de santos. Ele se utilizou destas fontes na escrita de textos que narrassem o contexto missionário inicial desses espaços, desde os primeiros avanços dos europeus na região, a chegada da Companhia de Jesus, a edificação de colégios, as primeiras missões e o avanço paulatino dos religiosos na região. A ideia da precocidade da opção religiosa dos sujeitos envolvidos é reforçada por meio de passagens ligadas às hagiografias tradicionais, como tendo uma vida de contínua busca pela santidade e entrega total em nome da fé cristã.



Na verdade, a temática se apresenta como um elemento potente para refletir ainda sobre outras questões. Por exemplo, a relação com a alteridade e os pontos de explosão das tensões entre europeus e indígenas, sobretudo considerando os embates que ocasionaram as mortes tidas como “martírios santos” pelos cristãos. Também, as muitas camadas simbólicas e de sentido presentes nessa relação conflituosa, que certamente não eram as mesmas para europeus e para as populações nativas.

Sobre isto é preciso ressaltar que o conceito de “martírio”<sup>23</sup> é pensado aqui em sua definição cristã, referindo-se aos ataques dos indígenas aos religiosos como atos de selvageria movidos por influência lesiva de caciques e xamãs lúbricos (quando envolvia sua resistência em abandonar a poligamia, como nos casos de Ñezú e Anganamón ligados aos acontecimentos que nos interessam particularmente), inveterados no vício do álcool, soberbos e idólatras<sup>24</sup>. Tudo isto justificaria ataques punitivos violentos de forma a vingar os religiosos e reestabelecer a ordem. Tal concepção claramente desconsidera as complexas concepções simbólicas e político-sociais que os referidos eventos teriam para os indígenas, ações as quais, na sua integralidade, escapam desta compreensão.

Como aponta Ivonne del Valle<sup>25</sup>, na perspectiva dos nativos esses atos poderiam significar a celebração comunal de uma vitória ou a marca do guerreiro sobre o inimigo, dentre outras possibilidades. Já na leitura da sociedade ocidental, foram motivadores de uma “hagiografia-martiriologia”, que se trata de uma “reliquia” de um outro tipo de triunfo, “mais difícil de precisar”, ligado à santidade e à entrega total em nome da fé. Analisando os efeitos sobre os missionários jesuítas do sistema colonial que representavam, a autora afirma que muitos deles acabaram como suas vítimas, e “siendo parte del imperio eran ofrecidas por éste como sacrificio necessário para una empresa de mayores alcances que no podía darse el lujo de um sentimentalismo por los custos incorridos”<sup>26</sup>.

---

<sup>23</sup> Cf o Dicionário Aurélio, segundo a etimologia, a palavra martírio vem do grego *martýrion*, que significa “testemunho”. Segundo o latim eclesiástico, *martyriu* significa “sofrimento e suplício de mártir”. Em termos teológicos, o martírio está ligado ao um testemunho extraordinário de alguém que é morto “por ódio à fé”.

<sup>24</sup> Devemos aqui lembrar que narrativa jesuítica, ao considerar desta forma os líderes indígenas, os apresenta como a contraface maliciosa da bondade e pureza dos missionários, que fica bem evidente no texto de Blanco.

<sup>25</sup> DEL VALLE, Ivone. *Op. cit.*

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 15.





Pensar a morte dos missionários apenas a partir do prisma do martírio envolve, para esta autora, privilegiar a epistemologia cristão-ocidental presente nos documentos coloniais<sup>27</sup>, sendo o que usualmente ocorreu. Por outro lado, a percepção dos muitos elementos simbólicos presentes na relação entre europeus e indígenas, contribuiria para complexificar tanto a compreensão da vida em reduções, quanto os eventos como os que levaram às mortes dos jesuítas. Mas, apesar de reconhecermos que a episteme ocidental mascara ou desconhece seus sentidos para as culturas nativas, nosso esforço interpretativo, neste trabalho, também se refere nomeadamente a ela. Isto é, desenvolveremos uma análise do tratamento que receberam os “martírios” de Elicura, e Caaró e Pirapó, nos escritos de José María Blanco.

Nas “Histórias Documentadas”, as mortes de Roque Gonzáles e Martín de Aranda<sup>28</sup>, recebem um tratamento similar, assim como os principais envolvidos nos acontecimentos. Este fato acreditamos se relaciona diretamente aos interesses para a retomada dos processos de beatificação dos sacerdotes em questão, que estavam parados em Roma.

### **José María Blanco e o esforço para a beatificação de jesuítas**

Os avanços da atividade missionária na América não deveriam ser avaliados como um encadeamento progressivo e linear de sucessos. Na verdade, envolveram muita negociação, avanços lentos, conflitos e retrocessos, conhecendo, inclusive, como já assinalamos, a morte violenta de religiosos. Como apontado, dois eventos do período inicial da expansão nos atuais Chile e Paraguai ficaram conhecidos como os Martírios de Elicura (1612) e de Caaró e Pirapó (1628) e receberam a atenção do jesuíta José María Blanco que esteve diretamente envolvido na promoção para a causa dos religiosos mortos junto ao Vaticano.

Os processos de beatificação desses missionários, especialmente o de Gonzáles de Santa Cruz, foram iniciados rapidamente, e tiveram avanços expressivos, com a coleta de testemunhos, documentação e andamento da causa

---

<sup>27</sup> Ibid., p. 21.

<sup>28</sup> É muito recorrente nos textos relativos aos casos de Elicurra e Caaró-Pirapó, que apenas os nomes destes dois religiosos sejam diretamente mencionados, recebendo os de Horacio Vecchi e Diego de Montalbán, mortos no Chile junto com Martín de Aranda, e Alonso Rodríguez e Juan del Castillo, mortos junto a Roque Gonzales, uma atenção secundária. Via de regra eles estão, inclusive, ocultos sob a expressão “Companheiros”.



localmente. O Processo Ordinário foi instaurado ainda em 1629 em Buenos Aires, seguindo para Corrientes em 1630, e Candelária em 1631. No caso do Chile, os trabalhos foram abertos em Santiago e Concepción, em 1665. Em ambos foram recolhidos depoimentos de conhecidos dos religiosos, e testemunhas oculares dos acontecimentos, que teriam dado provas da santidade e excepcionalidade dos jesuítas mortos, no caso de Roque Gonzáles desde a infância. Também, de sua entrega exemplar à evangelização dos indígenas e de fatos milagrosos ocorridos durante e após os eventos (como a incorruptibilidade do coração do paraguaio e dos corpos dos missionários no Chile).

Após esses primeiros passos, porém, os processos entraram em um longo estágio de letargia, inclusive pela supressão da Companhia de Jesus em 1773. Depois, acreditamos, pela falta de incentivos para a sequência dos trabalhos em Roma. Sua retomada nas primeiras décadas do século XX ligou-se ao empenho da Ordem restaurada em recuperar figuras significativas do período colonial, dentre os quais os seus mártires. A ação do padre Jose María Blanco neste sentido foi crucial. Ele escreveu e publicou, nas primeiras décadas do século XX, duas “Histórias” sobre seus colegas. A *“Historia Documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan del Castillo de la Compañía de Jesús, Mártires del Caaró e Yjuhí”*, data de 1929; já a *“Historia Documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Martín de Aranda Valdivia y Horacio Vecchi y del hermano Diego de Montalbán de la Compañía de Jesús, Mártires de Elicura en Arauco”*, de 1937. Ambas representam apanhados amplos de documentação sobre os eventos de 1628 e 1612, respectivamente, sendo utilizadas como fundamentação documental para estimular a retomada dos processos de beatificação dos religiosos.

Isto é, os textos são fruto do trabalho de um sujeito identificado com a instituição religiosa a que haviam pertencido os sacerdotes mortos, bem como com a reivindicação de sua memória. Portanto, para analisar os trabalhos de José María Blanco sobre os religiosos cujo apostolado ele exalta nas suas “Histórias”, consideramos fundamental pensar, primeiramente, sobre o autor e sobre as condições de produção de seus trabalhos.



As informações biográficas sobre este jesuíta são escassas, mas é possível defini-lo como dedicado a estudos em múltiplas áreas do conhecimento. Contudo, embora tenha intitulado seus livros de “Histórias”, ele não teve formação específica nesta área. Nascido em novembro de 1878 em Silleda (Pontevedra, Espanha) e falecido em agosto de 1957 em Buenos Aires, Blanco emigrou com seus pais para este país (onde viveria a maior parte de sua vida), no final do século XIX, ingressando, em 1892, no seminário diocesano local. Na Companhia ele ingressou quatro anos mais tarde, e foi enviado para a Espanha, após o noviciado, para realizar estudos de filosofia (1898-1905). Após realizar a última parte dos exames, em Manresa (1912 e 1913), voltou para a Argentina.<sup>29</sup>

Blanco trabalhou no Colegio del Salvador de Buenos Aires, no seminário de Montevideu e no seminário de Villa Devoto, novamente em Buenos Aires. Atuou, também, na reitoria do colégio de San José de Córdoba, entre 1937 e 1942<sup>30</sup>. Desde 1916 publicando vários artigos em revistas locais como a *Estudios*, *El Mensajero del Corazón de Jesús*, *El Salvador*, dentre outras, ele iria contribuir para muitos periódicos da região com textos de temas diversos, que incluem desde a devoção e os Exercícios Espirituais de Loyola, até a história e cultura. Blanco ainda realizaria conferências científicas em muitas cidades da Argentina por mais de 20 anos, sendo assíduo participante da *Academia Literaria del Plata*, da qual chegou a ser diretor.

Pensamos que o seu trabalho possa ser enquadrado no conceito de “intelectual católico”, utilizado por Mariana Schossler<sup>31</sup> (2020) para descrever a atuação historiográfica de um contemporâneo seu, Guillermo Furlong:

através de seus textos, procurou exaltar o trabalho da Companhia e, inclusive, teria escrito o que denominou de “la historia de un cristianismo feliz”, onde “la operación historiográfica no consiste en utilizar las fuentes (que él conoce y muy bien) para conocer el pasado sino para demostrar cómo la obra de Dios se materializó en la existencia de los 30 pueblos”. Neste sentido, (...) procurou encontrar, também, exemplos morais na história da formação da

<sup>29</sup> STORNI, Hugo. Blanco Gerpe, José María. In: O’NEILL, Charles E.; DOMÍNGUEZ, Joaquín María (Dir.). *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*. Vol. I – AA-Costa Rica. Madrid: Universidad Pontificia Comillas/Roma: Institutum Historicum, S.I., 2001, p. 459.

<sup>30</sup> *Ibid.*

<sup>31</sup> SCHOSSLER, Mariana. **As representações do passado argentino e a Nueva Escuela Histórica: as contribuições de Ricardo Levene e de Guillermo Furlong (1910-1960)**. (Tese de Doutorado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.



pátria argentina, para, através deles, contribuir para a construção da nação e para a exaltação dos heróis nacionais, fossem eles sacerdotes ou não.<sup>32</sup>

Essa elaboração retórica da ação de Deus na formação da sociedade platina iria estar presente nesses textos, portanto, por meio da exposição de figuras exemplares em um contexto educativo. A partir do conceito de “pedagogia do exemplo”, de Jonaedson Carino, Schosler afirma que seus textos têm um caráter educativo,

pois [...] os personagens biografados transformam-se em heróis que têm suas principais virtudes vistas como condutas a ser imitadas e observadas. Com a repetição destes modelos, ao longo das gerações, enraíza-se na memória coletiva a lembrança de personagens que marcam determinado período histórico em função de suas ações, mas, principalmente por suas qualidades morais.<sup>33</sup>

Embora Blanco não tenha tido uma formação em História, seu trabalho na área foi diretamente impactado por esses temas e universo intelectual comum, e quando escreveu as “Histórias Documentadas”, ele aplicou essa forma narrativa e apresentação heroicizada dos missionários. Como já afirmamos, ele esteve diretamente envolvido com a retomada dos processos de beatificação que estavam na “Congregação para a Causa dos Santos”, em Roma, com o relevante papel de analisar manuscritos sobre os dois eventos. Seu trabalho seria crucial porque, relativamente ao caso de Roque Gonzáles, a documentação havia desaparecido, e só foi encontrada no começo do século XX no Archivo General de la Nación, em Buenos Aires.

Assim, Blanco esteve entre os primeiros estudiosos a ter acesso à documentação que se acreditava estar perdida, e a analisar a vida desses missionários a partir de dados que autores anteriores não possuíam. Com base nesses manuscritos, ele escreveu inicialmente a História Documentada sobre o caso de Caaró e Pirapó (1929), que foi peça documental fundamental para a retomada e

---

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 23.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 44.



conclusão, em 1934, do processo de beatificação dos jesuítas. Mais que isto, ele trabalhou ativamente por esta causa, contribuindo nas celebrações do tricentenário da morte dos padres, realizando palestras e fazendo peregrinar a relíquia do coração de Gonzáles<sup>34</sup> por paróquias da Argentina, Paraguai e Uruguai.<sup>35</sup>

Blanco igualmente se comprometeu com o caso de Martín de Aranda Valdivia e Companheiros, mortos em 1612, no Chile. Com base em um segundo conjunto documental, ele produziu outra *Historia Documentada* sobre sua morte. Este processo, todavia, ainda não chegou a uma resolução final, e os “Mártires do Elicura” seguem entre os muitos candidatos à beatificação cujas causas estão inconclusas no Vaticano.

O aspecto instrumental de seus textos, isto é, a atenção ao interesse da Ordem na finalização do processo, é claro. Isto sem prejuízo da ideia de que eram, para o autor, estudos amparados na documentação histórica, como ele afirma na Introdução de um deles:

No será [...] necesario echar mano de magnificencias de estilo, ni siquiera para trazar el fondo verdaderamente legendario sobre que se proyecten en toda su magnitud los acontecimientos. Nos bastará ir ordenando los dichos de los actores y de los testigos presenciales inmediatos, para que descuelle la persona por sí misma con la sencillez homérica de quien narra los propios heroísmos, como si se tratara de cosas ordinárias. Y ese es el critério que nos guía en estas páginas, en las cuales la originalidad ha de consistir en que el historiador hable lo menos posible, dejando la palabra a los que conocieron intuitivamente las cosas.<sup>36</sup>

<sup>34</sup> Segundo a tradição, o coração de Roque Gonzáles foi-lhe arrancado do peito após a sua morte, sendo lançado ao fogo de forma a “calar a voz que vinha dele”. Encontrado junto a seus restos mortais, ele foi prontamente reconhecido como relíquia sagrada pela Igreja, e permaneceu em Concepción até 1633, quando foi enviado para Roma, onde foi preservado até o começo do século XX. Em 1928, com as mobilizações para a sequência dos trabalhos de beatificação dos “mártires”, ele voltou para a América quando o então Geral da Companhia, Wlodimiro Ledóchowski, o doou aos jesuítas da Província Argentino-Chilena. Finalmente, em 1968, foi transferido para a Igreja Cristo-Rei em Assunção do Paraguai (OLIVEIRA, 2010, p. 388). A relíquia ficou sob responsabilidade do Vice-Postulador da causa, Thomaz Travi, e iria ser apresentada, ao longo dos anos, em centenas de paróquias do Paraguai, Argentina, Uruguai, e sul do Brasil. Atualmente ela está abrigada na Igreja de Cristo-Rei em Asunción.

<sup>35</sup> NUNES, Jefferson Aldemir. **Construindo uma vida por meio da escrita: Roque Gonzáles de Santa Cruz e seu processo de beatificação (séculos XVII-XX)**. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

<sup>36</sup> BLANCO, José María. **Historia Documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan del Castillo de la Compañía de Jesús, Mártires del Caaró e Yjuhí**. Buenos Aires: Sebastián de Amorrortu, 1929, p. 11.



O trabalho de Blanco sobre Gonzáles, dessa forma, apresenta-se como distante da tradição hagiográfica. Marcada por “desbordes de entusiasmo poco propicios a la serena contemplación de la verdad histórica”<sup>37</sup> e a partir de construções retóricas e adjetivações engrandecedoras, a hagiografia induziria à veneração do biografado em desfavor da “verdade histórica”.

A posição metodológica de Blanco, a forma como ele pensava seu trabalho a partir de documentos que “falavam por si mesmos”, foi conservada no livro sobre os “mártires” do Chile, lançado oito anos depois. Na Introdução desse texto, ele afirma que “de acuerdo a nuestro sistema de crítica histórica, trataremos de coordinar los hechos, guiándonos en cuanto sea posible, sólo por los documentos, los cuales hablarán por sí mismos, omitiendo comentarios, que creemos innecesarios”<sup>38</sup>. Além disso, acrescenta que não objetiva “purificar errores iconográficos ni deslices de poca monta que se encuentran aquí y allá esparcidos en algunos autores, prescindimos de ellos, contentándonos de establecer la verdad y de aducir las pruebas en que se funda”<sup>39</sup>.

Desta maneira, reforça a ideia de que seu trabalho se distanciava da hagiografia relativa esses eventos, amparando-se na crítica histórica. Ele evitaria, assim, a construção de falas e passagens pias, que funcionavam, naqueles textos, como forma de elevar as virtudes dos considerados santos, conectando-os às bases bíblicas e da tradição católica.

Também aqui a intencionalidade da escrita de Blanco não é oculta, já que ele afirma que “quiera Dios que su estudio nos proporcione la satisfacción de ver pronto en los altares a los protagonistas de esta historia”<sup>40</sup>. Pode-se, portanto, perceber como o trabalho em favor dos processos de beatificação dos jesuítas esteve no cerne de suas preocupações, apesar de sua pretensão de imparcialidade e

---

<sup>37</sup> *Ibid*, p. 8.

<sup>38</sup> Diz ele sobre isto: “Los cronistas, al reconstruir el hecho del glorioso martirio de los siervos de Dios, Padres Horacio Vecchi, Martín de Aranda Valdivia y Diego de Montalbán, amantes de las formas literarias, ponen en labios de actores, discursos que aunque sean verosímiles, no es probable que en su forma original hayan sido conservados por los testigos presenciales del hecho” (BLANCO, 1937, p. 210). BLANCO, p. 8.

<sup>39</sup> *Ibid*, p. 8.

<sup>40</sup> *Ibid*, p. 9.



objetividade, ou como ele afirma, de estabelecer a verdade sustentada em provas documentais.

Com base nessas considerações iniciais, é possível partir para uma breve análise das semelhanças e diferenças entre os dois trabalhos. Como poderemos verificar, Blanco construiu a imagem e a história dos jesuítas mortos em missão de forma muito semelhante, à luz dos mesmos pressupostos e a partir de um mesmo arcabouço hagiográfico, o que permite pensar temas mais amplos do “martírio” na América Colonial.

### **Histórias documentadas: a elaboração jesuíta do martírio de religiosos na América colonial**

Consideramos importante apontar primeiramente, o fato de que ambos os textos exibem uma estrutura narrativa semelhante, seguindo a mesma organização interna e explorando temas comuns. Ambos começam apresentando os momentos iniciais da colonização do Paraguai e do Chile respectivamente, as principais iniciativas dos europeus para garantir seu estabelecimento nesses espaços, a chegada dos primeiros clérigos e a construção das primeiras comunidades religiosas, quadro que “prepara” a chegada da Companhia de Jesus na região.

Também é um elemento comum a caracterização das sociedades paraguaia e chilena como decaídas moralmente, além de submergidas em rebeliões, motins e conflitos pelo poder. Tais problemas aparecem, em boa medida, como derivados da falta de uma melhor educação moral e religiosa, bem como da influência perniciosa das culturas indígenas. A partir daí, tal quadro de decaimento, situação em que a fé cristã teria muita dificuldade para ser praticada, contrasta e eleva a excepcionalidade dos missionários jesuítas. Em especial, daqueles que os textos têm em seu centro e que são descritos como santos.

A trajetória pessoal de Roque González, por exemplo, é apresentada como um caso excepcional de virtude em meio à corrupção e devassidão da sociedade paraguaia.

La vida del Padre Roque González de Santa Cruz, que nace entre el estruendo de las armas, crece entre las faenas de los



indios, y sube las gradas del altar con el perfume de su pureza; que entra a formar parte de las milicias de Cristo para consagrarse por entero a la salvación de las almas, y remonta los ríos caudalosos, y cruza las selvas enmarañadas, y penetra en las chozas de los indios para llevarles con la luz de la fe las divinas esperanzas de sus eterno destinos, [...]; que deprecia los peligros de la vida, y chega hasta el derramamiento de su sangre, [...]. Pero así como los nenúfares extienden sobre las aguas estancadas y corrompidas el manto verde de sus hojas [...] y se cubren de flores blancas con la pureza de la nieve, que perfuman con sus aromas el ambiente en que se son obligadas a crescer; así a hidalguía española, en la que la fe cristiana va entrelazada a la pureza de la sangre, produjo flores de pureza y hasta de heroísmos, aun en medio de la corrupción de la sociedad en que se ha visto forzada a desenvolverse<sup>41</sup>.

Podemos verificar no excerto retirado da *Historia Documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan del Castillo...*, imagens que, como apresentamos ao iniciar este texto, costumam ser acionadas para ressaltar a sacrificada e corajosa ação dos jesuítas entregues à sua missão. Rios caudalosos, selvas impenetráveis e indígenas primitivos compõem o cenário em que, por meio dos “soldados de Cristo”, a Providência se manifesta. Há, também, elementos de uma hagiografia cristã tradicional, que se vale de adjetivos e comparações com uma “flor perfumada” que prospera em local desfavorável, muitas vezes invocando os pântanos como representação de ambientes viciados e pecaminosos. É também elemento recorrente, o sentimento de dever religioso frente ao gentio, como motor que impulsiona os jesuítas a realizar grandes esforços para levar adiante a vontade de Deus, inclusive a ponto de sacrificar suas vidas para este propósito.

Também a *Historia Documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Martín de Aranda Valdivia y Horacio Vecchi y del hermano Diego de Montalban* indica o ponto extremo a que os missionários podiam chegar. Referindo-se a Martín de Aranda, ele escreve:

Hombre curtido en los trabajos de la Conquista; profundo conocedor de los asuntos indígenas; familiarizado con la lengua de los araucanos e interiorizado en los íntimos sentires

---

<sup>41</sup> *Ibid*, p. 17-35..





de los indios, tenía en si todas las condiciones que habían de hacerle un misionero capaz de llevar el nombre de Dios a millares de almas. Intrépido y despreciador de la vida, iba a llenar esa finalidad hasta sellarla con su sangre.<sup>42</sup>

Novamente vemos destacadas as qualidades distintivas atribuídas a este e outros jesuítas. De um lado o preparo obtido pelo conhecimento da língua e da cultura dos grupos nativos, de outro a abnegação e coragem levada até as últimas consequências. Entretanto, Blanco coloca menos ênfase nos feitos juvenis do Aranda, tema proeminente ao tratar de Gonzáles, construindo a sua trajetória como agente no avanço colonial em uma região que a imposição dos indígenas trouxe imensas dificuldades para o avanço dos espanhóis.

Como sabemos, a sociedade colonial era, no Chile, assim como no Paraguai, amplamente dependente do trabalho indígena<sup>43</sup>, um ponto permanente de tensão entre jesuítas e demais colonizadores<sup>44</sup>. Embora a monarquia castelhana houvesse ditado uma legislação para, teoricamente, criar alguma proteção aos excessos promovidos pelos colonizadores, na prática as comunidades indígenas foram sujeitas a situações de abuso e exploração especialmente por meio dos chamados “servicios personales”. Os missionários jesuítas tecem críticas severas a esta situação, em especial às chamadas “encomiendas”<sup>45</sup>. Embora atravessado por um discurso civilizacional, este sistema de trabalho compulsório submeteu os nativos a condições de exploração extrema, desorganizou suas comunidades, atingiu duramente sua demografia e estimulou rebeliões. Ademais, os jesuítas também compreendiam que a proximidade dos indígenas em relação aos espanhóis os expunha a situações e exemplos lesivos à cristianização.

---

<sup>42</sup> BLANCO, José María. **Historia Documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Martín de Aranda Valdivia y Horacio Vecchi y del hermano Diego de Montalbán de la Compañía de Jesús, Mártires de Elicura en Arauco**. Buenos Aires: Sebastián de Amorrortu, 1937, p. 133-134.

<sup>43</sup> No Paraguai especialmente, uma estreita relação e dependência dos conquistadores-colonizadores em relação aos guaranis se estabelece muito precocemente. Sobre isto ver KALIL & MARTINS, 2020.

<sup>44</sup> Apesar da íntima relação entre as Coroas ibéricas e a Igreja na América Colonial, devemos considerar que ela não desconheceu elementos permanentes de tensão. Sobre isto ver: KARNAL & MARTINS, 2017.

<sup>45</sup> A “encomienda” sustentava-se na ideia de recompensar serviços prestados à Coroa. De modo geral, um grupo de indígenas era “encomendado” ao beneficiário da mercê real que se tornava responsável pelo seu cuidado físico e espiritual em troca de tributos pagos a ele em moeda, mercadorias ou trabalho.



Em ambas as *Histórias Documentadas*, Blanco apresenta aquela que foi uma posição institucional da Companhia de Jesus quanto ao trabalho indígena:

Aquellas regiones [...] guardaban muchas agrupaciones de indios, casi todos sometidos y entregados en encomienda [...] desde los comienzos mismos de la conquista del Paraguay. Sujetos a la servidumbre de los encomenderos y abandonados en su gentilidad por carecer de doctriberos [...]<sup>46</sup>.

Los indios del norte íbanse diezmando por el excesivo trabajo de las encomiendas [...] En realidad [...] el servicio personal que se les obligaba a prestar a los naturales, constituía una verdadera servidumbre, que en muchas ocasiones se trató de legalizar, hasta convertirla en granjería de esclavos<sup>47</sup>.

O Padre Roque Gonzáles de Santa Cruz, proveniente de uma rica e influente família, teria sido importante nesse debate ao promover uma discussão acalorada com seu irmão, à época governador interino de Assunção, que estava requerendo indígenas das missões para trabalho prestação de serviços na cidade. Tal intervenção em favor dos nativos foi destacada como virtuosa pelos seus hagiógrafos, sendo as contradições da legislação castelhana e os resultados da sua política neste campo analisados por Blanco:

Los considerandos que preceden a esta determinación real, muestran una ignorancia completa de la psicología de los indios, y de su verdadero estado. Suponiendo legítima la conquista, legitimidad que no podían comprender los indios, sigue suponiendo que desde el principio del descubrimiento se habían reducido al gremio de la Iglesia y obediencia de la real corona; lo cual es históricamente falso; y sigue suponiendo, que se rebelaron “sin tener legítima causa, a lo menos sin que de parte de los señores reyes mis primogenitores se les diese ninguna, porque su intención y la mía siempre ha sido y es que fuesen doctrinados y enseñados en las cosas de nuestra santa fe católica, y bien tratados como vasallos míos [...], para lo cual se les diesen ministros de justicia y doctrina que los mantuviesen en justicia y amparasen”, todo lo cual está escrito en las diversas cédulas reales, pero jamás se llevó a la ejecución. Veremos más tarde el

---

<sup>46</sup> BLANCO, 1929, p. 59.

<sup>47</sup> BLANCO, 1937, p. 30; 35



verdadero trato que recibieron de los conquistadores y la razón que los llevaba a sus constantes rebeldías<sup>48</sup>.

Assim, embora a monarquia houvesse emitido uma ordenação legal que teoricamente estabelecia controles quanto ao uso da mão de obra indígena, na prática as condições locais agiram no sentido contrário, permitindo abusos na esfera dos “servicios personales”. Entre outros elementos, como a pregação dos jesuítas contra a poligamia, por exemplo, a reação dos indígenas frente a isto, eclodiu em eventos com os de Elicura e Caaró e Pirapó.

As mortes dos missionários nas mãos dos índios foram violentas e ritualizadas. Em Caaró e Pirapó, de acordo com as narrativas jesuíticas, depois de abatidos com golpes na cabeça, os padres Roque e Alonso foram despidos de suas vestes e esquartejados. Dois dias depois, Juan de Castillos foi amarrado, arrastado e supliciado antes de ser morto, como os seus colegas, por um golpe na cabeça. Em Elicura, a morte dos missionários foi semelhante, com golpes de facão e de machado nas cabeças e perfuração dos corpos por lanças. Eles teriam sido despidos antes de serem mortos, porém. Em ambos os casos, os corações da maioria dos mortos foram arrancados de seus peitos, e a destruição de aparatos sacros ocorreu de forma simbólica.

A confirmação das mortes foi recebida pelos liderados dos caciques envolvidos como uma vitória triunfal sobre os missionários, mas sua celebração não envolveu o banquete antropofágico que, ao menos entre os guaranis, era uma prática tradicional. De acordo com Carlos Fausto, “a apropriação do imaginário e do poder dos missionários raramente passou pela devoração literal, que era uma das operações clássicas de captura de identidades e subjetividades entre os Tupi-Guarani”, e os jesuítas não foram alvo da prática antropofágica:

Ao contrário, parece ter-se evitado comê-los, reservando esse destino aos índios neófitos (...). No início do século XVII, os mártires da Companhia de Jesus assassinados pelos Guarani tiveram seu corpo despedaçado e queimado, como se fosse preciso nadificá-los para evitar uma vingança xamânica ou para

---

<sup>48</sup> BLANCO, 1937, p. 30-31.



negar-lhes a imortalidade de que tanto falavam”<sup>49</sup> (FAUSTO, 2005, p. 395).

As discussões conduzidas por Blanco para explicar o contexto dos martírios ressaltam sua entrega total dos jesuítas ao propósito da missão, interrompida apenas pela morte. Sobre Gonzáles e sobre os missionários do Chile ele aponta, respectivamente:

Rudo para los trabajos, incansable para la fatiga, intrépido para las dificultades, generoso para dar la vida en tantos peligros arrojados por Cristo, se yergue la figura del Padre Roque González serena y conquistadora, que fué menester la derribaran de un golpe de itaizá, para atajarle los pasos de sus conquistas<sup>50</sup>.

Afrontaban la muerte con verdadero heroísmo, y los que los enviaban a misión tan dificultosa, no ignoraban lo que pudiera suceder: lo manifiestan claramente, pero estiman que la naturaleza de la empresa exigía, si fuera menester la sangre del martirio [...] Aquellos hombres templados para las dificultades apostólicas, con la santidad de la vida y con la experiencia de los indios, marcharon con decisión de mártires a la pacificación de los araucanos<sup>51</sup>.

Tal como relata Blanco, após os eventos do Elicura, o padre Juan de Vianna, que trabalhou nos colégios de Santiago e de Córdoba, enviou o provincial Diego de Torres à Espanha a fim de, junto a Francisco Suárez, na Universidade de Évora, tratar dos acontecimentos recentes, já indicando a sua compreensão sobre os mártires. Segundo Vianna, tratava-se de religiosos mortos em nome da fé de Cristo e ensinando o Evangelho, o que permitia a abertura de um processo de beatificação<sup>52</sup>. A defesa empenhada pelos jesuítas mortos em favor das indígenas cristianizadas (as esposas de Anganamón), que culminou com seu “sacrifício”, era, para o autor elemento comprovador da excepcionalidade da situação e da justiça da sua beatificação:

---

<sup>49</sup> FAUSTO, Carlos. Se Deus fosse jaguar: canibalismo e cristianismo entre os Guarani (séculos XVI-XX). In: **MANA** 11(2). 2005, p. 395.

<sup>50</sup> BLANCO, 1929, p. 75.

<sup>51</sup> BLANCO, 1937, p. 194-195

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 213.



Lo sangre derramada en defensa de la honestidad y de la fe de las mujeres huídas de la lascivia de Anganamón, y que hechas cristianas exigían se las guardara de caer de nuevo en el miserable cautiverio, en el que, si no llegaban a perder la vida, se verían expuestas a entregar su honor, y a renunciar a la fe jurada en el bautismo; es al entender de los teólogos suficiente para que la suprema autoridad de la Iglesia, los pueda colocar en el número de los mártires<sup>53</sup>.

Blanco ainda estabelece outros paralelos cruciais entre os eventos do Chile e o do Paraguai: os parricidas teriam retirado o coração dos religiosos após matá-los e, para espanto de todos, os órgãos extirpados teriam falado aos indígenas e os exortado ao arrependimento e conversão. Esta crença ganhou grande força no caso do Padre Roque Gonzáles, visto que seu coração, como já dito, foi recuperado e é reverenciado ainda hoje como relíquia sagrada, reforçando a veneração a sua figura. Além disto, os restos mortais dos “mártires” do Chile, embora deixados expostos para as aves de rapina, teriam permanecido intocados, o que foi considerado milagre e favor divino. Contrariamente a isto, os corpos dos indígenas mortos, que logo passaram pelo processo natural de decomposição<sup>54</sup>.

Assim, “evidências milagrosas” nos dois eventos são apresentadas por Blanco para reforçar o favor divino em favor dos jesuítas mortos. Portanto, embora envolvendo contextos locais distintos, o autor, nas obras de 1929 e de 1937, elabora uma narrativa que se vale de elementos comuns para sustentar a excepcionalidade dos missionários. A formação e missão exemplar desses jesuítas, que cresceram (para o caso dos nascidos na América) em um ambiente de dissolução moral, sua entrega total à Deus por meio da evangelização dos indígenas, seria coroada por uma “morte santa” ante inimigos da fé, perpassada por sinais milagrosos.

A narrativa das Histórias Documentadas estabelece ainda uma diferenciação entre Roque Gonzáles e Martín de Aranda Valdivia com relação a Alonso Rodríguez, Juan del Castillo, Horacio Vecchi e Diego de Montalbán. Tanto Gonzáles quanto Valdivia são apresentados como figuras centrais dos eventos, e recebem maior destaque tanto nos textos, quanto nos documentos reunidos e nas

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 215.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 220-221.



mobilizações pela sua beatificação. Eles inclusive por diversas vezes não são denominados, aparecendo sob a condição de “companheiros” de Gonzáles e Aranda, respectivamente. Talvez um elemento que possa ajudar a compreender esta situação resida na condição de “criollos”, isto é, de nascidos na América, dos dois jesuítas, e nas conexões políticas que tinham, sob certo aspecto cruciais para o avanço da “missão por redução”. É possível aventar que isto representou um elemento importante para cristalizar interesses em torno de suas figuras, promovendo-as e aumentando as chances de sucesso de uma causa de beatificação em Roma.

A presença destes traços apologéticos e de elevação das figuras dos jesuítas, não impede que José María Blanco apresente suas Histórias como construídas a partir de pressupostos que atendiam a critérios de cientificidade, em especial pela apresentação de fontes documentais. Em relação a elas, porém, a sua crítica é apenas formal. Além do que, seus argumentos não se desprendem de uma fórmula e estruturação próxima às hagiografias tradicionais. Numa percepção que se relaciona a pressupostos e a uma sensibilidade contemporânea, outro aspecto que deve ser ressaltado, reside em que os indígenas aparecem apenas como coadjuvantes nesses trabalhos, mesmo aqueles que morreram ao lado dos missionários. Eles são elementos importantes para a construção da narrativa, mas têm suas expectativas e motivações ocultas e subalternizadas pela causa dos religiosos, distorcidas por uma visão tributária de um valor superior da “missão por redução”.

Dessa forma, para pensar de forma mais ampla esses eventos considerados como martírios pelos cristãos, é importante buscar elementos próprios aos povos indígenas, que ajudem a complexificar e formar um quadro mais plural, atentando à multiplicidade de sentidos simbólicos presentes nesses conflitos. Os documentos consultados por Blanco numa prática que deveria sustentar o rigor científico do seu estudo, consistem basicamente nas fontes internas da Ordem. Nelas, o “ódio” nutrido pelos caciques Ñezú e Anganamón desencadeador do ataque aos religiosos, estaria no cerne do ocorrido, pois sua pregação se dirigia contra elementos que fundamentavam a autoridade e prestígio destas lideranças, como a poligamia, a capacidade de convocação para a guerra e para as “festas de chicha”.

Há assim, um claro conflito simbólico estabelecido, mas que, nas narrativas da Companhia, é obscurecido pela formulação da imagem heroica dos sacerdotes



mortos por suas próprias virtudes: seu amor pelos índios e seu desejo de salvá-los. As *Histórias Documentadas* de José Maria Blanco referendando esta interpretação, se colocam como continuadoras de uma linhagem interpretativa e em favor da causa da beatificação dos religiosos. Neste sentido, o devir do processo envolvendo Roque Gonzáles de Santa Cruz teve o desfecho procurado pelo autor, enquanto aquele relativo aos mártires de Elicura nunca foi concluído.

Hoje, um pequeno monumento de pedra recupera este evento. Entretanto, fazendo uma releitura de sua história, ele não se dirige a honrar apenas a memória dos jesuítas Martín de Aranda Valdivia, Horacio Vecchi e Diego de Montalbán, mas também a dos caciques Utablame, Tereulipe, Coñuerpanque, Caniumanque e Calbuñamcu, que morreram junto aos religiosos naquele 14 de dezembro de 1612. Na cidade de Roque Gonzáles, Rio Grande do Sul, por outro lado, há, atualmente, vários marcos que lembram o cacique Ñezú, como um mirante no Cerro de Inhacurutum, onde “o visitante pode contemplar a visão que [ele] tinha de seus domínios”<sup>55</sup>.

A memória desses indígenas, portanto, está viva junto aos símbolos que foram erigidos para venerar os jesuítas. É dessa complexa relação simbólica, histórica e religiosa com o Outro que emerge, assim, a riqueza desse período histórico, deixando marcas na memória construída sobre esses eventos, presentes nos trabalhos de José María Blanco, na religiosidade e na cultura popular. Reconstituir as múltiplas camadas de sentido dessas relações, e os interesses presentes nos textos e documentos que foram redigidos para narrar esses eventos ou buscar a canonização desses religiosos é, portanto, um norte que deve guiar as pesquisas historiográficas. Esses estudos permitirão compreender melhor o processo missionário e as ações dos diversos sujeitos visando a afirmação de sua perspectiva sobre a missionarização colonial e de qual memória que deveria ser preservada desses jesuítas.

## Considerações Finais

---

<sup>55</sup> OLIVEIRA, Paulo Rogério. **O encontro entre os guarani e os jesuítas na Província do Paraguai e o glorioso martírio do venerável padre Roque Gonzáles nas tierras de Ñezú.** (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010, p. 15.



Ao longo do mês de junho deste ano (2022), a imprensa internacional noticiou com algum destaque a morte de dois padres jesuítas, Joaquín César Mora Salazar e Javier Campos Morales, em Urique, Chihuahua, uma das regiões mais pobres e marginais do México. Os religiosos trabalhavam há décadas<sup>56</sup> na comunidade Cerocahui, município rural, indígena e pobre, de cerca de 1000 habitantes na Serra Tarahumara, duramente atingida pelo crime organizado, sendo mortos quando procuravam defender um morador local que buscava refúgio de seus perseguidores, na igreja.

Segundo Rafael Luévano<sup>57</sup>, Mora Salazar e Campos Morales se somam a outros 45 ou 50 sacerdotes assassinados em meio à violência de narcotraficantes naquele país, em que as regiões mais perigosas seriam as de Guerrero, Michoacán e periferias da Cidade do México. Conta ele que, na cerimônia fúnebre de outro jesuíta morto em circunstâncias de mesma natureza, uma mulher angustiada pronunciava em meio a lamentos: *“Louvado sejas, padre Habacuc! Deus lhe chamou para viver o santo martírio”*.

Como estudamos ao longo deste artigo, para a teologia católica romana tradicional, o martírio está ligado ao testemunho extraordinário de uma pessoa que é morta *“in odium fidei”*, isto é, *“por ódio à fé”*. Assim, aqueles que escolhem uma vida de sofrimento por Cristo em ambientes perigosos, atingidos por guerras, doenças, ou violência do crime organizado como é o caso das referidas regiões do México, não seriam considerados mártires. As distinções teológicas, contudo, não impedem que comunidades locais reverenciem como mártires seus padres assassinados, como na situação relatada<sup>58</sup>.

---

<sup>56</sup> Campos Morales, 79 anos, nascido na Cidade do México, era Superior da Ordem na região, onde estava desde os 30 anos. Ele ia comemorar 50 anos de trabalho nesta área da Serra Tarahumara. Mora Salazar, de 81 anos, nascido em Monterrey, estava na região há 23 anos.

<sup>57</sup> O texto citado encontra-se na Revista IHU On line de 24/06/2022, sendo uma tradução do artigo publicado por America, no dia anterior, 23-06-2022, com tradução de Wagner Fernandes de Azevedo. Rafael Luévano é professor associado do Departamento de Estudos Religiosos na Chapman University, Califórnia, EUA. Ver: REVISTA IHU ON LINE. México:por-que-os-padres-continuam-sendo-assassinados? 24 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/619814-mexico-por-que-os-padres-continuam-sendo-assassinados> Acessado em 27/06/2022.

<sup>58</sup> Segundo o artigo que estamos citando, em sintonia com a compreensão da comunidade católica, o Papa Francisco ampliou a compreensão sobre o martírio ao estabelecer uma nova designação para ele: *“oblatio vitas”*, ou seja, a oferta da própria vida em um único ato de heroísmo. Ver: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/619814-mexico-por-que-os-padres-continuam-sendo-assassinados> Acessado em 27/06/2022.





Um ritual de despedida de tradição indígena Rarámuri, com danças e vestes tradicionais foi celebrado em homenagem a Joaquín César Mora Salazar e Javier Campos Morales. Fizeram-se, então, “recomendações às almas para que não fossem embora tristes, para confiá-las a Onoruame (deus), encorajaram-nas a ir com alegria, para que nada distraia, que não tenham medo no caminho e que não tropecem em nenhuma pedra”<sup>59</sup>

Não resta dúvida que as circunstâncias da morte dos jesuítas em uma comunidade de forte presença indígena, quando colocada em perspectiva da larga tradição da ação da Companhia nas Américas, abrem espaço para novas reflexões, inclusive envolvendo os debates dentro da própria Igreja sobre seus significados. Assim, a ideia apresentada anteriormente de “*oferecer a vida para atrair a Deus Nosso Senhor esta desamparada gente*”, atribuída historicamente a jesuítas na literatura, pela sua presença em territórios marginais ou em áreas perigosas, segue tendo um forte efeito simbólico na atualidade.

**Data de submissão:** 05/06/2022

**Data de aceite:** 25/06/2022

---

<sup>59</sup> REVISTA IHU ON LINE. México. Jesuítas rompem diálogo com o governo de Chihuahua. 27 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/619864-mexico-jesuitas-rompem-o-dialogo-com-governo-de-chihuahua>. Acessado em 27/06/2022.



## Referências Bibliográficas

BLANCO, José María. **Historia Documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan del Castillo de la Compañía de Jesús, Mártires del Caaró e Yjuhí**. Buenos Aires: Sebastián de Amorrortu, 1929.

\_\_\_\_\_. **Historia Documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Martín de Aranda Valdivia y Horacio Vecchi y del hermano Diego de Montalbán de la Compañía de Jesús, Mártires de Elicura en Arauco**. Buenos Aires: Sebastián de Amorrortu, 1937.

BURRIEZA SÁNCHEZ, Javier. Los jesuitas: de las postrimerias a la muerte ejemplar. In: **Hispania Sacra**, LXI, 124, julio-diciembre 2009, p. 513-544.

CYMBALISTA, Renato. Os mártires e a cristianização do território na América portuguesa, séculos XVI e XVI. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v.18. n.1. p. 43-82. jan.- jul. 2010.

\_\_\_\_\_. A Companhia de Jesus nos séculos XVI-XVIII: uma comunidade global de mártires. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; LUCA, Tania Regina de. **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis: UFSC/UDESC, 2015, p. 1-16.

\_\_\_\_\_. **Sementes de Cristãos: Mártires jesuítas na América 1554-1767**. (Tese de Livre Docência). São Paulo: USP, 2017.

DEL VALLE, Ivone. **Escribiendo desde las márgenes: colonialismo y jesuitas en el siglo XVIII**. México: Editora Siglo XXI, 2009.

**DOCUMENTOS PARA LA HISTORIA ARGENTINA**. Tomo XIX. Buenos Aires: Talleres Jacobo Peuser, 1927 - DHA.

FAUSTO, Carlos. Se Deus fosse jaguar: canibalismo e cristianismo entre os Guarani (séculos XVI-XX). In: **MANA** 11(2). 2005, p. 385-418.

KALIL, Luis Guilherme Assis; MARTINS Maria Cristina Bohn; OBERMEIER, Franz. **Viagem ao Rio da Prata**. Ulrico Schmidl e sua crônica quinhentista. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVI. **Revista Brasileira de História**, v. 22, n. 43, p. 11-32, 2002.

FELIPPE, Guilherme; PAZ, Carlos. Interseção de subjetividades a presença indígena na escrita afetada dos jesuítas. In: **História da Historiografia**, v. 12, n. 30, 2019, p. 198-232.

LEITE, Serafim. A Missão dos Carijós – 1605-1607. In: **Novas Cartas Jesuíticas (De Nóbrega a Vieira)**. Coleção Brasileira (Série 5-a). São Paulo: Cia Editora Nacional, 1940, p. 196-246.



\_\_\_\_\_. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo VI – Do Rio de Janeiro ao Prata e Guaporé. Estabelecimento e assuntos locais. Século XVII e XVIII. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Lisboa: Livraria Portugal, 1945, p. 439-560.

MARTINS Maria Cristina Bohn. Fama, Fé e Fortuna: o tripé da conquista. In: CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge; FERNANDES Luiz Estevam de O.; MARTINS Maria Cristina Bohn (Org). **As Américas na Primeira Modernidade (1492-1750)**. Curitiba: Prismas, 2017, p. 171-204.

MORALES, Martín M. La respiración de ausentes. Itinerario por la escritura jesuítica. In: WILDE, Guillermo (Org.). **Saberes de la conversión: jesuitas, indígenas e imperios coloniales en las fronteras de la cristiandad**. Buenos Aires: SB, 2011, p. 31-59.

\_\_\_\_\_. Las cartas de los jesuitas, los pliegues de un género. **Historia y Grafía**. Universidad Iberoamericana, año 22, núm. 43, julio-diciembre 2014, pp. 51-76.

NUNES, Jefferson Aldemir. **Construindo uma vida por meio da escrita: Roque Gonzáles de Santa Cruz e seu processo de beatificação (séculos XVII-XX)**. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

OLIVEIRA, Paulo Rogério. **O encontro entre os guarani e os jesuítas na Província do Paraguai e o glorioso martírio do venerável padre Roque Gonzáles nas terras de Ñezú**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas**. São Leopoldo: Unisinos; Bauru: Edusc, 2004.

**REVISTA IHU ON LINE.** México:por-que-os-padres-continuam-sendo-assassinados?

24 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/619814-mexico-por-que-os-padres-continuam-sendo-assassinados> Acessado em 27/06/2022.

**REVISTA IHU ON LINE.** México. Jesuítas rompem diálogo com o governo de Chihuahua. 27 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/619864-mexico-jesuitas-rompem-o-dialogo-com-governo-de-chihuahua>. Acessado em 27/06/2022.

RUIZ DE MONTTOYA, Antonio. **Conquista Espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesús en las Provincias de Paraguay, Parana, Uruguay y Tape**. Rosário: Equipo Difusor de Estudios de Historia Iberoamericana, 1989.

SCHOSSLER, Mariana. **As representações do passado argentino e a Nueva Escuela Histórica: as contribuições de Ricardo Levene e de Guillermo**



**Furlong (1910-1960).** (Tese de Doutorado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

STORNI, Hugo. Blanco Gerpe, José María. In: O'NEILL, Charles E.; DOMÍNGUEZ, Joaquín María (Dir.). **Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús.** Vol. I – AA-Costa Rica. Madrid: Universidad Pontificia Comillas/Roma: Institutum Historicum, S.I., 2001, p. 459.

WRIGHT, Jonathan. **Os jesuítas.** Missões, mitos e histórias. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

